

O literário e o identitário na literatura afro-brasileira

Zilá Bernd*

Resumo: O artigo procura associar a produção poética afro-brasileira à construção do identitário e à superação da posição marginal em que se encontra ainda hoje o negro em nossa sociedade, vítima de preconceito e discriminação. Vincula a literatura afro-brasileira ou afro-descendente, como querem alguns, às temáticas do multiculturalismo e da hibridação cultural na medida em que o imaginário afro agrega elementos oriundos da memória mítica africana aos elementos culturais das Américas, sendo, portanto necessariamente híbrida. Divide a produção poética afro-brasileira em duas tendências predominantes (não excludentes): autores/poemas que tendem à construção de identidades enraizadas (de raiz única) e autores/poemas que tendem à construção de identidades móveis, relacionais, aberta à alteridade.

Palavras-chave: Poesia afro-brasileira. Questões identitárias. Enraizamento. Identidades móveis, rizoma. Hibridação.

Retomo, no presente artigo, fragmentos de textos produzidos por mim em outros momentos, pois desde 1984, quando iniciei meu doutoramento na USP, venho refletindo sobre este tema. A ideia aqui será associar a produção poética afro-brasileira à construção do identitário e à superação da posição marginal em que se encontra ainda hoje o negro em nossa sociedade, vítima de preconceito e discriminação. Pretendo associar o enfoque da literatura afro-brasileira, ou afro-descendente, como querem alguns, às temáticas do multiculturalismo e da hibridação cultural na medida em que o imaginário afro agrega elementos oriundos de uma memória do universo mítico africano aos elementos culturais das Américas, sendo, portanto necessariamente híbrida.

A proposta, ao compartilhar com vocês hoje este tema, é a de chamar a atenção para o contraponto essencial que a poesia afro-brasileira ou simplesmente poesia negra brasileira vem desempenhando no âmbito da literatura brasileira como instituição, criando o que se poderia chamar de poética da diversidade. O objetivo é problematizar o caráter transitivo da Literatura negra brasileira que pode ser definida como sendo aquela onde emerge uma

* UFRGS/Cnpq.

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 12	n. 18	p. 33-44	Ago. 2010. Recebido em: 25 ago. 2010. Aprovado em: 31 ago. 2010.
--	----	-------	-------	----------	---

consciência negra, ou seja, onde um “eu” enunciador assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da Abolição da escravatura.

Pretendo mostrar que em um primeiro momento a tendência é construir, via texto literário, uma literatura do **enraizamento**, ou seja, aquela em que os indivíduos estão voltados para si e para sua comunidade, optando por uma identidade de primeiro grau, ou seja, aquela que se constrói fora da mobilidade e da alteridade. A partir de um certo momento, onde aparentemente a afirmação identitária deixa de ser uma urgência, passa a surgir um tipo de construção identitária móvel, aberta ao outro, à diversidade e à relação.

Tendência ao enraizamento

A Literatura negra, tomando a si a tarefa de protestar contra as complicadas e sutis formas de racismo que perduram na sociedade brasileira, que ainda vê nos descendentes de africanos as marcas de mais de trezentos anos de escravidão, tende a construir-se muito próxima destes referentes, perdendo, por vezes, sua força poética. Constitui-se ainda em objetivo dessa fala analisar a tendência da literatura negra a assumir a causa dos direitos de igualdade dos negros brasileiros, transformando seus contos e poemas em bandeiras de luta contra a violência discriminatória de que é vítima a comunidade afro-brasileira. É nossa tese que, ao erguer esta bandeira de defesa dos direitos humanos e ao tecer a trama narrativa ou poética com os fios da revolta e da denúncia, esta literatura põe em risco sua literariedade, podendo tornar-se o lugar da recondução do lugar-comum e de metáforas estereotipadas.

Tomamos como corpus para a comprovação desta hipótese, o conjunto de antologias publicadas, em São Paulo, entre 1978 e 2000, pelo grupo *Quilombhoje*. Alternando contos e poesias, as publicações recebem o título de *Cadernos negros* : em 1978, foi publicado o *Cadernos negros 1*, chegando ao número 33 em 2010. Queremos dar exemplos de construção do literário e do identitário, apontando também o risco que corre de cair no panfletarismo, independentemente da justeza da causa que a anima. Sublinhamos desde já que entre muitos autores que participam destas antologias conseguem, apesar do engajamento, atingir um alto nível de poeticidade. Podemos, contudo, apontar exemplos de poemas onde a obsessão com o compromisso acarreta uma redução significativa no número de leitores, parecendo ser dirigida apenas aos membros da mesma comunidade. Sua recepção fica deste modo reduzida a tal ponto que sua visibilidade, em termos de literatura brasileira, passados quase 30 anos da primeira edição, é ainda bastante reduzida.

O que se observa é que o desejo de influir, através da palavra poética na modificação da ordem social que exila o negro para a periferia do sistema e o exclui da maioria das manifestações culturais, leva a um tipo de poema engajado como este que se lê em *Cadernos negros 3*

O meu poema não basta.
Não leva o pão à mesa;
Não constrói a moradia.
.....
Bem sei, o meu poema não basta,
Mas aí do povo
Que não tem seus cantores! (DE PAULA, 1982, p. 55).

Nota-se aqui, um movimento semelhante ao de Negritude, quando Césaire dizia serem os poemas “armes miraculeuses”, capazes de transformar a face da terra. Esta crença do poeta como profeta, cuja palavra constitui-se em arma milagrosa na defesa dos direitos humanos contra a violência do racismo, perdurará, como tentaremos demonstrar, desde o início dos anos 80 até os dias de hoje, como comprovam os versos deste poema:

As minhas palavras de pedra
Hoje as quero rolando pelas ladeiras
Nas mãos dos moleques de rua,
Rompendo telhados de vidro
Dos antigos maus vizinhos, das caras da cor de lua
Quero as palavras de pedra, pelas ruas da cidade (CORREA, 1996, p. 119).

Esta profissão de fé na força da palavra poética bem ao gosto sartreano é uma das constantes da poesia negra que pouco se modificaram ao longo dos anos. Outra das características da poesia negra é o exercício de martirologia, isto é, uma lembrança das penas infligidas aos escravos e das injustiças que o racismo, com sua cadeia infundável de exclusões, impõem ao negro brasileiro. Deste modo, o ressentimento perpassa o discurso poético, transformando a lamentação e a queixa em forma privilegiada de contato com o mundo.

Omissão de aperitivo copo cheio
Receio de ser negro
Negaceio
Meneio de cabeça
Cabeçada
Em aguçada ponta cheia de ilusão...
Desculpa esfarrapada
Na garupa do cavalo fugitivo no galope à procura do não-ser
Convivência de trair toda vivência

Com agressões tão violentas de
“não sei, não senti, não vi”
riso falso camuflado na vergonha
riso ódio que detesta e não contesta
só se fecha nesta mágoa de gol contra (CUTI, 1982, p. 18-19).

Dez anos após a publicação deste poema, em *Cadernos negros 15*, de 1992, o ressentimento se exprime com a mesma força em poema de Carlos Assunção

Minha vida minha vida
É ilha de sofrimento
Cercada de injustiça por todos os lados
Meu irmão onde a saída
Senão a força da rebeldia
.....
Vítima de perseguição
Encurralado marginalizado
Neste mundo neste mundo
Que é meu mundo também
Meu irmão tenho vontade
De sair como um demente
Gritando gritando pelos campos
E ruas e praças das cidades
Que é preciso urgentemente
Limpar com papel higiênico
A cara cristã da sociedade (ASSUMPÇÃO, 1992, p. 9).

Como se vê, há nesse poema uma repetição de fórmulas exauridas pela constância com que se retomam, ao longo dos anos, as mesmas temáticas, reivindicando seus autores o estatuto de vítimas, o que contribui para circunscrever a poesia negra, reservando-lhe um reduzido alcance.

Voltar-se para o passado, para lembrar as agruras do período da escravidão, constitui-se em outra constante desta poesia que pretende, com esta fórmula, exorcizar este passado conclamando o leitor a unir-se ao poeta em seu desejo de revanche. O discurso **do** negro - que custou a emergir no panorama da literatura brasileira, onde só se registrava um discurso **sobre** o negro - vai tomando forma como se fosse sempre necessário dar uma resposta ao branco. Constrói-se assim a poesia como revide, caindo o poeta numa perversa armadilha que é a de encerrar-se num círculo vicioso que o impede de inovar, de ir em busca das enormes riquezas contidas na oralidade africana que poderiam vir a oxigenar esta poesia, imprimindo-lhe um novo vigor.

Em 1981, com o livro *Roteiro dos tantãs*, o poeta gaúcho, Oliveira Silveira, inova imprimindo ao poema a dimensão da gauchidade e da participação efetiva do negro na construção do Rio Grande do Sul:

Terra de engenho
Negro moendo
Cana escorrendo
Suor amargando
.....
Terra de estância
Charqueada grande
Negro se salgando
Terra quilombo, choça e mocambo
Negro lutando/ e resistindo/ se libertando
.....
terra favela
morro e miséria/ e o negro nela
(breque) até quando ? (Terra de negros in Roteiro dos tantãs)

O poeta ressalta o papel do negro no Rio Grande do Sul, a insubmissão que marcou sua presença em solo gaúcho e constata tristemente que, após todo este tempo, a favela ainda é o lugar da maioria dos negros brasileiros.

Em *Cadernos negros 11*, de 1988, nota-se ainda o eterno retorno ao passado, enfatizando-se as torturas impostas aos negros pelos feitores:

Fiz do chicote um laço
Das chicotadas pelourinho
Enforquei feitores
Chicoteei capitães do mato
Ceguei, retalhei sinhozinhos
Refugiei-me nas emoções
Sou impune
Livre (ALVES, 1988, p. 50).

O que se verifica por esta rápida amostragem é uma proposta de formação identitária como grande síntese homogênea com alto grau de previsibilidade. Não podemos aquilatar até que ponto esta literatura é útil à causa negra e à desconstrução da mentalidade racista, o que sabemos é que este conjunto de características sabotam o surgimento da grande poesia – que dispensaria adjetivos – que se quer necessariamente heterogênea, ambígua, opaca e imprevisível. Trata-se de uma construção identitária voltada ao enraizamento e à negação da alteridade.

Não estamos aqui pregando que a poesia negra deva ser alienada e que os poetas devessem de nutrir de matéria distante de sua história e de sua realidade. Sabe-se porém que a arte se quer antes de tudo intransitiva e a própria idéia de uma literatura a serviço de uma causa, de uma nação ou de uma ideologia, tem que ser passageira, correspondendo a uma fase que precisa ser superada. O literário precisa transcender o estritamente efêmero e referencial e

se dar a ler de forma a abranger faixas mais extensas do que os membros de um partido ou mesmo de uma nação, os adeptos de uma seita ou os integrantes de uma única comunidade. Se um texto é tecido dos mesmos rancores, das mesmas conivências e das mesmas complacências que unem uma mesma tribo, ela só interessa, em princípio, aos membros desta tribo que compartilham de idênticas referências. A linguagem literária é necessariamente plural e polifônica sendo a única que pode conter todas as demais, não podendo – como já ensinava Roland Barthes - ficar obrigada a dizer determinadas coisas e não outras. Nestes casos, quando a literatura se põe a serviço de uma causa, tornando-se denotativa e unívoca, a literariedade se desvanece, pela cristalização dos discursos que a compõem.

Sempre tomando-se como exemplo os poemas que constituem as publicações do grupo Quilombhoje, integrado por poetas de São Paulo e de outros estados que se unem para articular esta publicação anual há trinta anos, percebemos que é como se os poetas obedecessem a uma pauta prévia, a um programa preestabelecido. Assim há sempre um eu enunciador que fala em nome de um nós da comunidade, dirigindo-se a um tu, ouvinte/leitor que deve ser sensibilizado pela palavra poética e motivado a aderir à mesma luta:

Quanto te envolver
Em minha negritude
Pegarás em armas
Armas-palavras
E sairás pelas ruas
Aos brados
Pegarás vida
E serás ressuscitado
Da catacumba, imunda (JOSÉ ALBERTO, 1986).

A própria identidade feminina fica abafada sob a imperiosa necessidade de falar em nome da comunidade, de conclamar seus membros à luta e de construir a ferro e fogo uma identidade. Miriam Alves escreveu, em 1984, este poema onde não aflora o eu-feminino, mas apenas o eu-negro, comprometido com a resistência à assimilação:

As boas vociferam
Ajoelham-se perante o Deus Alvo
Mãos cúmplices agradecem falsas liberdades.
EU:
Aguço os meus dentes de revolta.
EU:
Salivo resistências entrincheiradas.
.....
NÓS:
Ficamos de luto empunhando espada guerreira
NÓS:
Curamos da branca-doença-da-vergonha (ALVES, 1984, p. 100).

Tendência a uma identidade móvel, aberta à aceitação da alteridade

Na antologia de 1996 (*Cadernos negros 19*) observa-se uma mudança, uma segura investida de Miriam Alves em direção a uma poesia menos transparente e, portanto, mais simbólica e universal, como se lê neste poema:

Ainda faço-me estrela
Um céu repousa lento em mim
Transforma-me
Montanhas, mares e rios
Todos os mundos. Todas as idades
Guias do meu seguir (ALVES, p. 134).

Como se pode perceber começam a ocorrer salutares fissuras neste discurso homogêneo; a linguagem poética aflora liberta dos compromissos de se transformar em “arma milagrosa” contra a intolerância e os radicalismos de toda sorte.

Como foi possível perceber pelos exemplos citados, a poesia negra brasileira, desde sua emergência, se caracterizou pela tentativa de orquestrar, por sua vez, um discurso hegemônico, uma vez que os escritores se sentem excluídos da Literatura Brasileira, enquanto instituição. Nascida para se constituir como contra-discurso, portanto para trafegar no contrafluxo da literatura oficial, servindo de contraponto às certezas da instituição literária, ela acaba por solidificar-se, tendendo a constituir projetos identitários essencialistas.

Não pretendemos contestar a força que a literatura pode desenvolver em determinadas circunstâncias, em períodos de arbítrio e exceção por que passam as sociedades em certos períodos de sua evolução. A literatura nestes momentos pode ser – por seu caráter polifônico e pela multiplicidade de sentidos que pode emitir – o único tipo de discurso a desempenhar um papel desestruturador da sociedade, pois a censura impede todos os demais discursos de se exprimirem livremente. O discurso literário terá o mesmo papel do bobo da corte (le fou du roi), sendo o único que pode rir do rei, pois, devido à sua aparente frivolidade e a seu caráter ficcional e simbólico não é levada a sério, passando muitas vezes pelo crivo da censura que não chega a perceber seu caráter subversivo. Este é o inigualável poder que possui a literatura e os grandes escritores têm sido justamente aqueles que conseguem usar este potencial subversivo da literatura para desestabilizar os sistemas sem comprometer a literariedade.

Não queremos, pois que nosso propósito seja aqui confundido. Embora bem conscientes da capacidade de desestabilização que pode ter o texto literário, sabemos que sua

força está mais naquilo que esconde ou camufla, que naquilo que exprime de forma demasiadamente óbvia.

Atualmente, formas poéticas de grande refinamento começam a surgir – dentro e fora do grupo Quilombhoje -: à poesia fortemente engajada, que tendeu a construir-se muito próxima de referentes empíricos imediatamente reconhecíveis (como a cor da pele, etc.), parece estar sucedendo uma poesia que se descobre impotente para resolver sozinha todos os crimes dos sectarismos e das exclusões, optando pelo tom ambíguo e questionador e pela preocupação com o constante aprimoramento da linguagem poética. Seriam exemplos desta renovação os poetas Edimilson de Almeida Pereira, de Juiz de Fora, Oliveira Silveira e Ronald Augusto, do Rio Grande do Sul, Leda Maria Martins, de Belo Horizonte, Miriam Alves, de São Paulo, e tantos outros que, embora legitimamente preocupados com a busca de uma especificidade negra para sua poesia, deixam de se sentir atrelados a uma pauta de reivindicações ou compelidos a exprimir unicamente as agruras de seu ressentimento.

Cito, a título de exemplo, um poema em prosa de Edimilson de Almeida Pereira:

O grito

A palavra tem sido o lugar onde levantamos abrigo. Na plantação, no garimpo, tecemos o grito, origem do que falamos. O que foi registro de rebedia, não se aplacou, irrompe na página desnortando os cães de caça. O grito espreita atrás da escrita, não confia em setas, escolhe os atalhos. Os cães foram ensinados a varar a noite e o tempo. A palavra, no entanto, é um edifício e se alarga para as margens da floresta (PEREIRA, 2003, p. 211).

Assim, paradoxalmente, a literatura negra passará a ocupar um lugar mais importante no contexto da literatura e da sociedade brasileiras quando deixar de exprimir, através de retórica grandiloquente e de forma tão categórica, as violências e os constantes ataques aos direitos humanos de que ainda são vítimas os negros brasileiros. É nas entrelinhas – como no poema que acabamos de citar - naquilo que escamoteia e na sua inesgotável capacidade de trapacear com a linguagem, que a literatura produz **efeitos de verdade**, que atingem e modificam o leitor, levando-o a reavaliar sua relação com o outro e com o Diverso.

Referências

ALVES, M. Dia 13 de Maio. In: *Cadernos negros 7*. São Paulo: ed. dos autores, 1984, p. 100.

_____. Estradestrela. In: *Cadernos negros 19*. São Paulo: ed. dos autores, 1984, p. 134.

ANGENOT, Marc. *Les idéologies du ressentiment*. Montréal: XYZ, 1996.

ASSUMPÇÃO, C. Indignação. In: *Cadernos negros 15*. São Paulo: ed. dos autores, 1992.

BERND, Zilá. *Antologia de poesia negra brasileira*. Porto Alegre: IEL/AGE, 1990.

CORREA, L. Justiça vidente. In: *Cadernos negros 19*. São Paulo: editora Anita, 1996.

CUTI. Quem foge sabe conhece bem como faz mal ser tão ninguém. In: *Cadernos negros 5*. São Paulo: ed. dos autores, 1982

DE PAULA, W. J. Meu poema. In: *Cadernos negros 3*. São Paulo: ed. dos autores, 1982.

JOSÉ ALBERTO. Dominó. In: *Cadernos negros 9*. São Paulo: ed. dos autores, 1986.

PEREIRA, Edimilson de A. *Casa da palavra*. Obra poética 3. Belo Horizonte: mazzs, 2003.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*. Rio de Janeiro, n. 25, p. 159-177, 1997.

SILVEIRA, Oliveira. *Roteiro dos tantãs*. Porto Alegre: edição do autor, 1981.